

## Trabalhos Científicos

**Título:** Óbitos Fetais E Neonatais Por Complicações De Placenta, Cordão Umbilical E Membranas: Análise Nacional (2010–2023)

**Autores:** LÍGIA LUANA FREIRE DA SILVA (UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO), LETÍCIA HANNA MOURA DA SILVA GATTAS GRACIOLLI (FACULDADE DE MEDICINA DE JUNDIAÍ), LORRANE ALVES BARBOSA (UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO), JULIA ISUME (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO), YASMIN DA SILVA MOURA (UNIVERSIDADE SALVADOR), KATIUSSIA SOARES BEZERRA (UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO), ANA LUIZA VIEIRA ALEXANDRINO (UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO)

**Resumo:** Introdução: As complicações relacionadas à placenta, cordão umbilical e membranas representam uma das principais causas de mortalidade fetal e neonatal precoce. Alterações como descolamento prematuro da placenta, circulares de cordão e ruptura precoce de membranas podem comprometer a oxigenação e vitalidade do conceito. <br>Objetivos: Descrever o perfil epidemiológico dos óbitos de fetos e recém-nascidos atribuídos a complicações de placenta, cordão umbilical e membranas (CID-10: P02) no Brasil, entre 2010 e 2023.<br>Metodologia: Estudo epidemiológico, descritivo e retrospectivo, baseado nos registros do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM). Foram avaliadas as variáveis: ano do óbito, região de residência, idade e escolaridade materna, idade gestacional, multiplicidade da gestação e tipo de parto. Para comparação de variáveis categóricas foi aplicado o teste do qui-quadrado ( $967,2^2$ ), considerando  $p < 0,05$  como significância estatística.<br>Resultados: Entre 2010 e 2023 foram registrados 80.095 óbitos por complicações placentárias, do cordão e das membranas. A maior concentração ocorreu na Região Sudeste (28.301, 35,3%), seguida do Nordeste (25.313, 31,6%). A série temporal apontou tendência de redução, passando de 5.967 casos em 2010 para 4.881 em 2023 (queda de 18,2%). Quanto à idade materna, predominou a faixa de 20 a 29 anos (42,3%), seguida de 30 a 34 anos (17,9%). Houve também 753 casos em mães de 10 a 14 anos (0,9%), indicando vulnerabilidade da gestação precoce. Em relação à escolaridade materna, a maioria dos óbitos ocorreu em filhos de mães com ensino fundamental incompleto (4 a 11 anos de estudo: 59,8%). Observou-se também alta proporção de registros ignorados (19,0%), o que limita a análise do impacto da educação materna. Na variável idade gestacional, 46,9% dos óbitos ocorreram em prematuros (<37 semanas), sendo mais frequentes entre 32 e 36 semanas (26,7%). O teste estatístico mostrou associação significativa entre idade gestacional e ocorrência de óbito ( $967,2^2=214,6$ ,  $p < 0,001$ ), confirmando a influência da prematuridade. Quanto à multiplicidade gestacional, 91,9% dos óbitos ocorreram em gestações únicas, com menor proporção em gestações duplas (5,5%) e raríssimos casos em triplas ou mais (0,2%). O tipo de parto evidenciou equilíbrio relativo: 42.650 partos vaginais (53,3%) e 35.064 cesarianas (43,8%), com 2.381 registros ignorados. Embora a cesariana seja frequentemente indicada em situações de risco, os dados sugerem que nem sempre preveniu desfechos fatais.<br>Conclusão: Os óbitos por complicações de placenta, cordão umbilical e membranas permanecem elevados no Brasil, embora em tendência de queda. O predomínio em mães jovens, com baixa escolaridade e gestações prematuras revela fragilidades na assistência pré-natal e obstétrica. A elevada frequência em gestações únicas indica que não apenas fatores biológicos, mas também barreiras estruturais no cuidado, contribuem para os desfechos adversos.